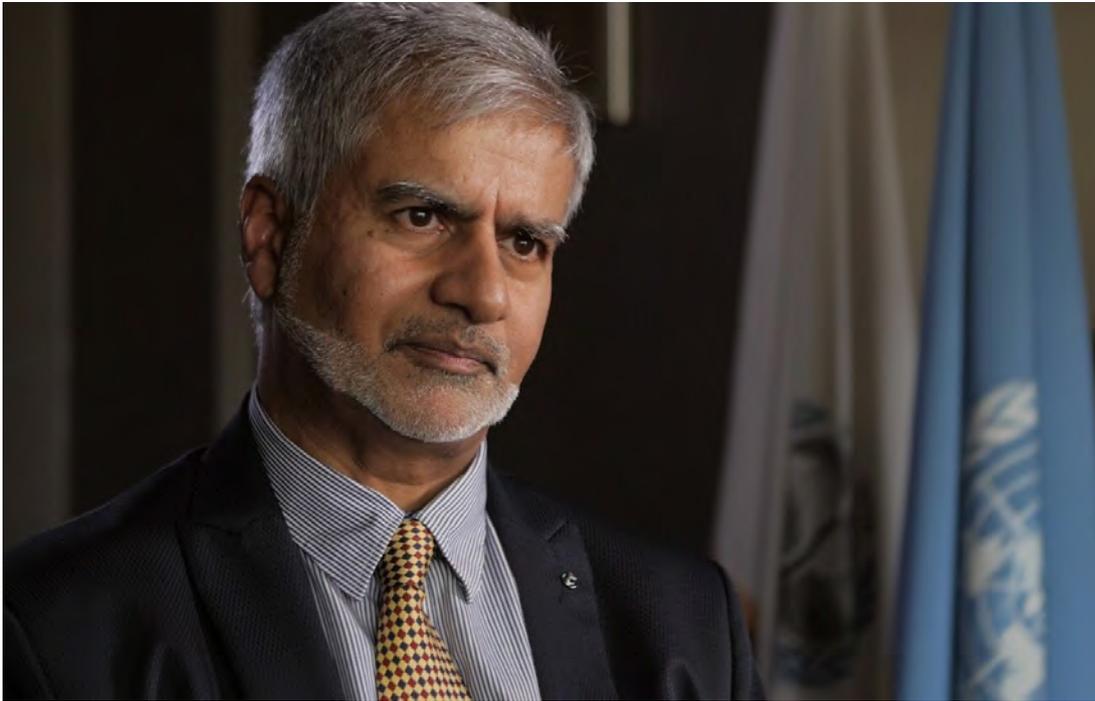


**P**rofessor do Instituto Raoul Wallenberg de Direitos Humanos em Lund, na Suécia, Lyal S. Sunga fez parte da Comissão de Peritos do Conselho de Segurança da ONU, formada em julho de 1994 para relatar os crimes cometidos durante os cem dias do genocídio em Ruanda. Ele chegou ao país no fim de outubro de 1994 e voltou 21 anos depois, em 2015. Lyal contou, por e-mail, o que viu nas duas ocasiões no seguinte depoimento:

“Meu envolvimento para investigar as gravíssimas violações em massa perpetradas em Ruanda de 6 de abril até o final de junho de 1994 surgiu por acaso. Em agosto de 1994, viajei de minha casa, em Ottawa, no Canadá, para Genebra, na Suíça, para conduzir pesquisas sobre um livro que escrevi sobre Direito Penal Internacional. Em 1992, eu já havia publicado minha tese para o meu doutorado sobre “responsabilidade individual no Direito internacional por violações graves dos direitos humanos”, que escrevi em Genebra. Esse livro explora como a lei internacional poderia impor responsabilidade criminal sobre indivíduos por violações graves dos direitos humanos. Estava interessado em escrever sobre isso porque em muitos casos, em todo o mundo, funcionários do governo abusam de seu poder e os tribunais domésticos não podem ou não farão nada a respeito, daí a necessidade de soluções legais internacionais. Na época, pouco havia sido escrito sobre o assunto, pois havia muito pouco progresso em nível internacional desde que os julgamentos foram realizados em Nuremberg e Tóquio, em 1945 e 1946, para responsabilizar os criminosos da Segunda Guerra Mundial pelos crimes de guerra e contra a humanidade.

Poucas horas depois de chegar a Genebra, em agosto de 1994, para iniciar minha pesquisa, o Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, José Ayala Lasso, do Equador, me chamou em seu escritório e pediu que eu suspendesse meu ensino universitário no Canadá e aniasse a Comissão de Peritos do Conselho de Segurança da ONU - um órfão ad

Quando se criou a Comissão de Verificação de Fatos de Segurança da ONU – um órgão ad hoc que o então secretário-geral da ONU, Boutros Boutros Ghali, designou, em 1.º de julho de 1994, para investigar fatos e responsabilidades relativos às violações cometidas durante a guerra civil de Ruanda. Por isso, concordei em deixar o meu ensino universitário e me juntar à ONU e chegamos a Kigali em 29 de outubro de 1994.



Professor Lyal no encerramento do tribunal de Ruanda, em 2015. ACERVO PESSOAL

Ruanda é um país de sol, solo rico em ferro, fértil, de vegetação exuberante, flores brilhantes e, acima de tudo, gente bonita, e esses aspectos formaram minhas primeiras impressões. Nossa tarefa, no entanto, colocou nossa equipe de investigação cara a cara com os horrores de um dos piores crimes do mundo no século 20. Viajamos por todo o país por 10 dias, entre o final de outubro e o início de novembro, e por mais 10 dias em dezembro de 1994, de helicóptero, por estrada e a pé, para investigar os locais de massacre de Ruanda.

Jamais esquecerei o que vi lá. Em 30 de outubro de 1994, fomos a Nyamirambo, na Província de Kigali. Cerca de 6 mil pessoas foram mortas ao longo de três dias, pela interahamwe (milícia hutu) de um lado e pela guarda presidencial do outro, o que nos demonstrou premeditação e planejamento substanciais. Prédios mostravam danos feitos por metralhadoras e abundância de projéteis de marcas francesas e russas espalhados pelo local. Havia sepulturas em massa de 100 homens, mulheres e crianças, outra com 70 e outra com 50. Não muito longe, havia um convento com paredes manchadas de sangue, onde as freiras eram estupradas e massacradas pela milícia interahamwe. Havia buracos de bala e montes de invólucros gastos e cliques de metralhadora vazios por toda a parte. Encontramos mais três ou quatro valas comuns com cerca de 200 corpos. Quando chegamos ao local, encontramos uma mulher com seu filho, forte e bonito aos 10 anos de idade, exceto pela desfiguração grosseira do golpe de machete com força total na frente do rosto. A mãe e o filho sobreviveram apenas porque o pessoal da Cruz Vermelha interveio. A mãe nos mostrou suas feridas de facão na parte de trás do crânio.

Em Gikondo, nos pesquisamos extensos danos feitos por metralhadoras e foguetes em uma mesquita e em uma igreja metodista. Em outra igreja, cordas manchadas de sangue e pisos marcados de concreto evidenciavam execuções sumárias. Na igreja Frères Palotins, dirigida por padres católicos poloneses, centenas de pessoas morreram e notamos várias grandes valas comuns com restos mortais.

Em 1.º de novembro de 1994, fomos de helicóptero para N'tarama, onde cerca de 400 dos cerca de 5 mil corpos ainda não haviam sido enterrados desde o ataque em 15 de abril pela milícia interahamwe. Foi lá que senti pela primeira vez o fedor de carne humana decomposta, que é um cheiro de carne apodrecida que permeia suas roupas e todo o seu ser. De alguma forma, você reconhece isso imediatamente e nunca vai esquecer, porque não há outro odor parecido. Como meus colegas forenses me explicaram, o mau cheiro permeia suas roupas, pele e cabelo e levaria vários dias para deixar as narinas.

PUBLICIDADE

Meu colega forense espanhol me guiou para dentro da igreja de N'tarama e me apoiou no banco da primeira fila, para evitar que eu escorregasse na gordura humana e caísse na massa de cadáveres. Cada fila da igreja estava cheia de cadáveres decompostos. Sozinha, a equipe forense espanhola removeu 272 corpos daquela sala. Os crânios mostravam um dos dois golpes: marcas de facão, limpas e alongadas, ou fraturas de força brusca de bastões. A equipe havia montado um arranjo macabro dos crânios de bebês para análise. Muitas árvores manchadas de sangue e cordas indicaram onde os indivíduos foram torturados e assassinados. Testemunhas relataram que as milícias estavam vestidas com uniformes militares, mostravam um alto grau de organização e seguiam claramente uma agenda pré-estabelecida que incluía retornar duas vezes às cenas do massacre em uma hora para eliminar quaisquer testemunhas sobreviventes. Tomei cuidado para não tropeçar em restos humanos meio decompostos espalhados por toda a parte. Logo o baque surdo dos helicópteros se aproximando nos fez voltar para Kigali, mas quando nos apressamos para encontrá-los, o fedor se agarrava a nós rapidamente.

Nyarabuye, outro complexo que alcançamos de helicóptero, foi o pior local. Havia centenas de corpos dentro e fora da igreja. Dentro havia uma mulher morta com a saia levantada obscenamente acima da pélvis, as pernas, meio carne, meio osso, abertas. Sua expressão facial horrorizada era claramente visível, embora suas pálpebras tivessem desaparecido e suas órbitas negras meio vazias olhassem para o teto desde seu estupro e assassinato. Tendo em mente as muitas crianças de uma perna só que vimos mancando ao redor de Kigali naqueles meses sombrios pós-guerra, tivemos de pisar com cuidado para evitar minas terrestres e artefatos explosivos não detonados. O fedor estava sobrecarregado e eu fiz o meu melhor para tapar as minhas narinas, mas as mãos encharcadas de álcool queimaram o interior do meu nariz.

A poucos quilômetros de distância, visitamos uma clínica médica que havia sido

administrada por uma missão religiosa. NO canto de uma saia estavam os restos de um menino, agachado de costas para a quina, com uma lança de dois metros ainda presa na garganta. Sua expressão e postura aterrorizada contavam como ele havia sido encurralado, provavelmente insultado, e depois arrasado em seus momentos finais de sua breve existência. A essa altura, fiquei para trás do time e me vi andando sozinho por um prédio escuro, quando percebi que estava pisando em larvas negras mortas e crocantes que tinham comido carne humana: eu estava andando sobre um tapete de mortos que se banqueteara com mortos. De alguma forma isso me chocou. Eu me juntei ao resto da equipe, e notamos que rabiscadas nas paredes externas de prédios intactos ao longo de nosso caminho estava a palavra "hutu". E assim foi em outros locais de massacre, numerosos demais para recontar...



Lyal e equipe da ONU em Ruanda em 1994. JOSE LUIS GOMEZ DEL PRADO / ACERVO PESSOAL

Encontramos evidências claras de que a milícia extremista do grupo étnico hutu (cerca de 85% da população de Ruanda de 7 milhões antes do genocídio) foi capaz, com o apoio do governo, de eliminar entre 500 mil e 1 milhão de civis, principalmente tutsis (que constituíam cerca de 14% da população) e milhares de hutus politicamente moderados. A Comissão de Peritos recomendou que o Conselho de Segurança da ONU estabelecesse o mais rapidamente possível um tribunal penal internacional, uma vez que 80% dos juízes e advogados haviam sido assassinados e não era possível processar os perpetradores. Em resposta aos nossos relatórios, o Conselho de Segurança agiu em 8 de novembro de 1994 para estabelecer o Tribunal Penal Internacional para Ruanda.

Vinte e um anos depois, voltei para a igreja de N'tarama, para sentar exatamente no mesmo banco onde havia sentado. As centenas de crianças massacradas, as mulheres e os homens foram havia muito tempo transferidos para caixões. Dessa vez, não precisei observar todos

os meus passos, com medo de pisar em restos humanos. Um caminho limpo e organizado levava os visitantes ao redor do local do massacre. As pessoas estavam vivas, trabalhando, conversando, sorrindo, e os zumbidos suavemente reconfortantes do tráfego e de pessoas em movimento substituíram o silêncio e o mau cheiro humano de 1994. Ruanda foi transformada de cenário de genocídio, morte e destruição, em um lugar limpo, eficiente, seguro e vibrante em apenas duas décadas - um feito milagroso que testemunha a sabedoria, dedicação e desenvoltura dos líderes de Ruanda e de seu povo.

Se há risco de novo conflito em Ruanda? Se olharmos ao redor do mundo, veremos que, onde a propaganda, a marginalização política, a estigmatização e a perseguição não são controladas, e a democracia, os direitos humanos e o estado de direito não são sacrossantos, o conflito pode crescer e irromper em violações em massa, até genocídio. Vimos esse processo acontecer em todas as partes do mundo em vários momentos e em diferentes circunstâncias, desde as Américas até a Europa, em toda a África, Ásia e Oriente Médio. Ruanda é certamente um dos países mais seguros, talvez o mais seguro do continente africano. O desafio em Ruanda, como em todo lugar, é garantir que a segurança não chegue a um preço exorbitante para os direitos humanos e as liberdades fundamentais.”

[LER ENTREVISTA](#)